
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

JACIELE AMÁLIA PIRES

**“INFÂNCIA, FAMÍLIA E RELAÇÕES
EDUCATIVAS: OS CONTORNOS DOS
MODOS DE SER CRIANÇA”**

JACIELE AMÁLIA PIRES

“INFÂNCIA, FAMÍLIA E RELAÇÕES EDUCATIVAS: OS CONTORNOS
DOS MODOS DE SER CRIANÇA.”

Orientador: PROFº DR. CÉSAR DONIZETTI PEREIRA LEITE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Instituto de Biociências da Universidade
Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” -
Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de
Licenciado(a) em Pedagogia.

Rio Claro
2009

155.4 Pires, Jaciele Amália
P667i Infância, família e relações educativas : os contornos dos modos de
ser criança / Jaciele Amália Pires. - Rio Claro : [s.n.], 2009
36 f. : il.

Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: César Donizetti Pereira Leite

1. Psicologia infantil. 2. Infância. 3. Família. 4. Escola. 5.
Concepções. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

A viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa. Quando o visitante sentou na areia da praia e disse: "Não há mais o que ver", saiba que não era assim. O fim de uma viagem é apenas o começo de outra. É preciso ver o que não foi visto, ver outra vez o que se viu já, ver na primavera o que se viu no verão, ver de dia o que se viu de noite, com o sol onde primeiramente a chuva caía, ver a seara verde, o fruto maduro, a pedra que mudou de lugar, a sombra que aqui não estava. É preciso voltar aos passos que foram dados, para repetir e para traçar caminhos novos ao lado deles.

É preciso recomeçar a viagem.
Sempre.

José Saramago

*Ao Sidney, Cleuza, Janaina e
Giovana, que estão sempre ao meu
lado, torcendo pela minha vitória.*

Agradecimentos Especiais

Ao meu pai Sidney. Pelo amor, carinho, pelo exemplo de pessoa que é para mim, pela força que tem, por conseguir através de um simples olhar expressar o que palavras jamais expressariam.

À minha mãe Cleuza. Pela paciência, pelo apoio, por sempre me ajudar e nunca me julgar, pelos conselhos que um dia não dei importância, mas que hoje sei o quanto eles tiveram e têm valor. Pelas conversas, pelos cuidados, pelas noites que não dormiu por minha causa, pelos choros, pelos sorrisos, pelo amor.

À minha irmã Janaina. Por todos os anos que dormiu ao meu lado, pelo amor, pelas conversas, pelos abraços, pela proteção, por ter cuidado e ainda cuidar de mim como se fosse minha segunda mãe.

À minha sobrinha Giovana Maria. Por trazer luz para nossas vidas, por transformar nossa casa em um “parque de diversões” todos os finais de semana, pelo seu sorriso doce, pelo abraço carinhoso, pelo olhar que me trás tanta paz, por despertar a criança que existe dentro de todos lá de casa, pelo amor mais puro e sincero.

Ao meu amor, amigo e companheiro Ricardo. Pelo carinho, amor, pela paz, pelo abraço acolhedor.

Ao meu orientador César. Pela paciência, compreensão, pelos novos caminhos que me apresentou, por me direcionar quando me sentia perdida, por todo apoio.

Às minhas colegas de sala, que já sinto tantas saudades. Pela companhia, pelos estresses em grupo, pelas risadas. Em especial à Mariane, Mariana, Sarita, Larissa e Vanessa, por me aguentarem, por me ajudarem, pelos favores, por fazerem tanta diferença nesses últimos quatro anos.

Ao Sr. José da vam. Por todas as idas e vindas Americana- Rio Claro- Americana.

Aos professores da Universidade. A todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho.

*Ao “**Ser Supremo**” que me presenteou com todas essas pessoas.*

“Ao dom da vida, à arte de viver”

OBRIGADA!

SUMÁRIO

	Página.
1. INTRODUÇÃO:	
Criança e Infância: Pontos de partida.....	6
2. HISTÓRIA DA INFÂNCIA.....	9
2.1 A descoberta de uma infância.....	12
2.2 Infância hoje.....	13
3. INFÂNCIA BRASILEIRA X DESIGUALDE SOCIAL.....	19
4. INFÂNCIA, ESCOLA E FAMÍLIA.....	22
5. TRANSFORMAÇÕES, CONCEPÇÕES E UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA:	
Modernidade e Avanços Tecnológicos.....	26
6. SENDO ASSIM: Considerações finais.....	29
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

1. INTRODUÇÃO:

Criança e Infância: pontos de partida.

Quando pensamos na nossa infância, voltamos a um tempo onde preocupações não existiam, as brincadeiras faziam parte do cotidiano, época de boas lembranças e de várias histórias, um passado não muito distante, mas que deixou diversas marcas as quais levam-se uma vida toda, contando, recontando e produzindo sentido a elas.

O que é infância? O que é ser criança? Essa pergunta e muitas outras do mesmo teor possuem inúmeras respostas, uma vez que cada ser possui uma concepção de infância a partir do seu ponto de vista e experiências vividas, a nossa experiência com a infância pode então ser compreendida como um discurso sobre um conceito individual, e não universal. Sendo assim, percebemos a necessidade de desvincular a concepção de infância e criança a uma idéia pré-concebida, independente de qual seja. Surge então a necessidade de algumas reflexões sobre o assunto, e análises dos diversos discursos encontrados. *“A infância é uma entidade em franco processo de transformações e que, por isso mesmo produz, nas diferentes esferas sociais, reações (e sensações) variadas. (LEITE, 2007, p.31)*

Etimologicamente, a palavra infância vem do latim, *infantia*, e refere-se ao individuo que ainda não possui a fala, o *in-fans*. Nos dicionários de Língua Portuguesa, por exemplo, registram infância como o período de crescimento e desenvolvimento que vai do nascimento ao inicio da puberdade, ou seja, aos doze anos. Para o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente) criança é toda pessoa até doze anos incompletos, e os adolescentes são aqueles que têm entre doze e dezoito anos. Já na Convenção dos Direitos da Criança, aprovada pela Assembléia Geral das Nações Unidas, em novembro de 1989, foi instituído que "criança são todas as pessoas menores de dezoito anos de idade".

Pesquisadores, historiadores, filósofos, sociólogos, entre outros estudiosos, principalmente os que possuem uma relação mais próxima com as questões educacionais, apresentam diversas concepções de infância conforme a época e momento social em que viviam. Assim, a infância e a criança tornam-se objetos de

estudos e saberes de diferentes áreas, constituindo-se num campo temático de natureza interdisciplinar, independente da forma pela qual fosse concebida.

Essas transformações culturais pelas quais passam as noções de infância produzem diversas maneiras de encará-la, desde pessoas que entendem estas mudanças como algo natural, produto do desenvolvimento da sociedade até pessoas que possuem resistência em aceitá-las, vendo-as como produto de uma cultura em decadência. Outra noção que ganha diferentes contornos na história da sociedade junto a esse processo é, a noção de família e a relações nela presentes, questões que tem ocupado lugar central em muitas das discussões em torno da educação das crianças, já que novamente se colocam em pauta questões relacionadas à criança, ao seu lugar e ao 'como e o que fazer com e por ela'. (LEITE, 2007, p.25)

Pode-se observar que tanto no discurso acadêmico como no senso comum, na maioria das vezes, a criança é vista como um ser futuro, incompleto, em formação. Dessa forma, trabalha-se para educa-la e instruí-la para que ela venha a se formar-se/transformar-se em um ser completo, ou seja, em adulto que é entendido como completo e não como um ser em constantes transformações que realmente sabe-se que é.

Sociólogos da infância acreditam que entre outros elementos, é necessário não ver a infância como um devir, mas sim como um ser que é, podendo dessa forma estabelecer uma compreensão mais apurada em relação à criança. Pensar a infância permite-nos entender não somente a sua história, mas também as diversas relações construídas em torno de sua concepção.

A infância tornou-se um produto da modernidade e essa impõe realidades e desafios educacionais, sociais, econômicos, políticos, influências nítidas que ao passar dos anos, com os avanços tecnológicos, acabaram interferindo diretamente na formação da criança e no modo como a infância é concebida.

Logo, a infância não pode ser entendida apenas como mais um período na vida do indivíduo em formação, mas como um momento construído no contexto de cada grupo social e que assume "naturezas" que variam segundo épocas e condições históricas diferentes (Castro, 2002)

Buscando pesquisar e entender as diferentes concepções e modos de pensar a criança, pode-se então como salienta Leite (2007): *“encontrar os caminhos para construir novas possibilidades para refletir a infância.”* . Assim, por meio deste

estudo, será investigado como é a infância/criança na sociedade de hoje conforme sua realidade e cultura.

Sendo assim, o objetivo desse trabalho é estudar as transformações sócio-culturais do modelo de infância diante dos avanços e evoluções tecnológicas da sociedade moderna, percebendo como a modernidade influencia no estilo de vida das crianças e suas conseqüências perante à escola, à família e à sociedade, e às influências que exercem na percepção/concepção, na formação dos discursos que esses possuem sobre a infância/criança de hoje.

2. HISTÓRIA DA INFÂNCIA.

Segundo Ariès (1981), antropólogo francês, em “História social da criança e da família”, o sentimento de infância é algo novo, nos séculos XVI e XVII as crianças eram tratadas como animais, com descaso, ou como pequenos adultos, Áries completa que foi no século XVIII durante as revoluções burguesas, que se origina um novo modo de pensar e de ser criança, respeitando todas as suas necessidades, especialidades, todo um estilo de vida personalizado, então a criança começa a ser distinguida do adulto passando a ter um mundo próprio. Ariès destaca dois sentimentos distintos:

o primeiro, difundido e popular, a ‘paparicação’, limitava-se às primeiras idades e corresponde a idéia de uma infância curta; o segundo, que exprimia a tomada da consciência da inocência e da fraqueza da infância, e, por conseguinte, do dever dos adultos de preservar a primeira e fortalecer a segunda (ARIÈS, 1978, p. 123).

Na linha das idéias de Ariès, o primeiro sentimento de infância surgiu no meio familiar, com as crianças pequenas, o segundo surgiu dos eclesiásticos ou dos homens da lei que se preocupavam com a disciplina e a racionalidade dos costumes. Eles viam nas crianças frágeis criaturas de Deus, as quais deviam preservar e disciplina-las.

Esses moralistas haviam-se tornado sensíveis ao fenômeno outrora negligenciado da infância, mas recusavam-se a considerar as crianças como brinquedos encantadores, pois viam nelas frágeis criaturas de Deus que era preciso ao mesmo tempo preservar e disciplinar. Esse sentimento, por sua vez, passou para a vida familiar. (ARIÈS, 1978, p.105)

Com base em Philippe Ariès, sabemos que até mesmo na arte medieval a criança não era representada, talvez a desconheciam ou simplesmente não tentavam representá-la, mostrando assim a falta de um lugar para a infância. A representação da criança através da arte, das pinturas, se dá em uma escala menor, como por exemplo, nas passagens bíblicas, elas são pictografadas como adultos em miniatura, apenas o tamanho da imagem era reduzido, sem expressões especiais, sem nenhuma diferença nos traços. Sendo assim pode-se dizer que no século XIII

não existiam crianças caracterizadas por expressões particulares, mas, como pequenos adultos, o mini-adulto.

É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar para a infância nesse mundo...Apenas seu tamanho os distinguia dos adultos, sem nenhuma diferença de expressão ou traços...Na Bíblia moralizada de São Luis, as crianças são representadas com maior frequência, mas nem sempre são caracterizadas por algo além do seu tamanho...No mundo das fórmulas românticas, e até o fim do século XIII, não existem crianças caracterizadas por uma expressão particular, e sim homens de tamanho reduzido. (ARIÈS, 1978, p. 17-18)

Nesse mundo adulto, as crianças eram educadas sem que existisse uma instituição especial de ensino, os colégios existentes eram dirigidos pela Igreja, estando reservado para um número reduzido de alunos, inicialmente para clérigos do sexo masculino. Já as meninas, começaram a ter acesso à escola somente a partir do século XVIII, quando a educação torna-se mais pedagógica e menos empírica.

A infância então nada mais era do que uma fase sem importância. A morte de uma criança não era motivo para tristeza ou desespero nem mesmo de lembranças, existiam tantas crianças e essas já eram consideradas um “problema” que a perda das mesmas não era algo tão assustador e triste para os adultos, já que esses não se apegavam aos pequenos, pois devido sua vulnerabilidade a doenças e pestes, a perda deles seria inevitável.

Esse sentimento de indiferença com relação a infância demasiado frágil, em que a possibilidade de perda é muito grande, no fundo não está muito longe da insensibilidade das sociedades romanas ou chinesas, que praticavam o abandono das crianças recém-nascidas. Compreendemos então o abismo que separa a nossa concepção de infância anterior à revolução demográfica ou a seus preâmbulos. Não nos devemos surpreender diante dessa insensibilidade, pois ela era absolutamente natural nas condições demográficas da época. (ARIÈS, 1978, p.22)

Outro fator que também marcou a indiferença com a criança foram os trajes, não existia a adolescência ou a juventude, assim que ela deixava de usar os cueiros, uma faixa de tecido que era enrolada em torno do corpo, começava a ser vestida como homens e mulheres da sua classe social, lembrando-se que o traje também

era usado para diferenciar a população em seus degraus hierárquicos. Apenas no século XVII a criança nobre e burguesa começa então a se vestir de maneira diferente dos adultos.

Se nos limitarmos ao testemunho fornecido pelo traje, concluiremos para a particularização da infância durante muito tempo se restringiu aos meninos. O que é certo é que isso aconteceu apenas nas famílias burguesas ou nobres. As crianças do povo, os filhos dos camponeses e dos artesãos, as crianças que brincavam nas praças das aldeias, nas ruas das cidades ou nas cozinhas das casas continuaram a usar o mesmo traje dos adultos: jamais são representados usando vestido comprido ou mangas falsas. Elas conservaram o antigo modo de vida que não separava as crianças dos adultos, nem através do traje, nem através do trabalho, nem através dos jogos e brincadeiras. (ARIËS, 1978, p. 41)

Todo esse cuidado especial e carinho que a sociedade moderna possui com seus pequenos, todo esse apego, simplesmente não existia. Neil Postman (1999) em “O desaparecimento da infância”, salienta que na idade média a infância terminava aos sete anos, porque nessa idade a criança adquiria a linguagem oral, começavam a dominar a palavra, assim já poderia ser inserida no mundo do adulto e tratada como tal. Já para a Igreja Católica aos sete anos a criança atingia a idade da razão, conseguindo então, distinguir o certo do errado e devendo, dessa forma, portar-se como um adulto. *A partir desse momento, ingressavam imediatamente na grande comunidade dos homens, participando com seus amigos jovens ou velhos dos trabalhos e dos jogos de todos os dias.* (ARIËS, 1978, p.193).

Quando as crianças começa já conseguiam “manter-se” sozinhas, sem ajuda da mãe ou da ama, já poderiam entrar para sociedade sem restrições, já trabalhariam com as famílias, participariam de jogos, não existiam pudores em relação aos assuntos sexuais, brincadeiras grosseiras, livros considerados imorais, palavras obscenas, as crianças estavam sempre junto às rodas de conversa, pois ela já era um adulto, ainda que em miniatura.

2.1 A descoberta de uma infância.

A noção de infância surge por volta do século XVIII durante as revoluções burguesas, foi também nesse século que o retrato da criança sozinha começa a tornar-se comum, porque antes disso, elas apareciam como coadjuvantes. Ainda no século XVIII os retratos de família começam a organizar-se em torno da criança, ela então torna-se o centro da composição, como acrescenta Ariès:

A descoberta da infância começou sem duvida no século XIII, e sua evolução pode ser acompanhada na história da arte e na iconografia dos séculos XV e XVI. Mas os sinais de seu desenvolvimento tornaram-se particularmente numerosos e significativos a partir do fim do século XVI e durante o século XVII. (ARIÈS, 1981, p.65)

Da mesma forma, Sarmento (2002) levanta a seguinte afirmação sobre a idéia de infância:

A idéia de infância é uma idéia moderna (...) remetidos para o limbo das existências meramente potenciais, durante grande parte da Idade Media, as crianças foram consideradas como meros seres biológicos, sem estatuto social nem autonomia existencial. (...) daí que, paradoxalmente, apesar de ter havido sempre crianças, seres biológicos de geração jovem, nem sempre houve infância, categoria social de estatuto próprio (SARMENTO, 2002, p. 10 e 11)

A partir do século XV, a preocupação com a educação instala-se pouco a pouco no seio da sociedade, e resulta numa atenção e cuidados dispensados às crianças, inspirando novos sentimentos de família, e proporcionando o desenvolvimento da escola (século XVII), que juntos retiram a criança do meio social dos adultos.

A escola confinou uma infância outrora livre num regime disciplinar cada vez mais rigoroso, que nos séculos XVIII e XIX resultou no enclausuramento total do internato. A solicitude da família, Igreja, dos moralistas e dos administradores privou a criança da liberdade de que ela gozava entre os adultos. Inflingiu-lhe o chicote, a prisão, em suma, as correções reservadas aos condenados das condições mais baixas. Mas esse rigor traduzia um sentimento muito diferente da antiga indiferença: um amor obsessivo que deveria dominar a sociedade a partir do século XVIII. (ARIÈS, 1978, p.195)

No século XVI, as crianças começam aparecer nas efígies funerárias, um fato muito curioso é que de início não era desenhadas em seu próprio túmulo ou da família, mas sim no de seus professores. Foi no século XVII que até mesmo as roupas tornaram-se específicas para elas, mais largas, leves e confortáveis, deixando os pequenos mais a vontade.

No século XVII, entretanto, a criança, ou ao menos a criança de boa família, quer fosse nobre ou burguesa, não era mais vestida como os adultos. Ela agora tinha um traje reservado à sua idade, que a distinguia dos adultos. (ARIÈS, 1978 p.32)

Entre o século XVII e o fim do século XIX, a cerimônia de primeira comunhão tornou-se a manifestação mais visível do sentimento de infância, celebrava dois pontos contraditórios, a inocência da criança e sua apreciação racional dos mistérios sagrados propostos pela Igreja Católica. Neste contexto, a prática do batismo era vista com seriedade, marcava a grande festa do nascimento. Mas era também um meio da própria Igreja controlar o nascimento de filhos bastardos ou livres.

(...) se plantem na primeira idade a puerícia dos pequenos os ensinamentos da doutrina cristã e essa é uma obrigação dos senhores em relação a seus escravos. Acentua-se também a necessidade de logo batizarem as crianças, no prazo de oito dias, para que se morressem, pudessem alcançar o céu. (DEL PRIORE, 2000, p.118)

Portanto, a modernidade criou a concepção de criança como um ser diferente, importante e respeitável, em contraposição a um conceito de criança como “pequeno adulto”. Assim, desperta-se a importância de compreendermos a criança/infância neste processo de mudanças, no qual o seu sentimento é concebido e torna-se alvo do investimento afetivo e educacional.

2.2 Infância Hoje.

Criança pequena com agenda lotada. A televisão que se transforma em baba. Os pais ausentes. Carinho transformado em objeto. O tamagoshi e a afetividade objetificada. Erotização da infância. Sexualidade. Publicidade. Cultura do consumo. [...] Individualismo desencadeado pela ausência do outro. Apagamento da relação de

alteridade. Criança sozinha. Criança que manda nos pais. Esses são apenas alguns dos fragmentos que compõem o contexto da infância contemporânea. (PEREIRA e SOUZA, 1998, p.37)

Hoje após tantos avanços e revoluções sociais, encontramos percepções e modos de pensar a infância que divergem, pensamentos que chegam aos extremos, de um lado vemos uma infância banalizada destruída, de outro ainda encontramos sociedades que mantêm as crianças sendo tratadas de forma justa. A desigualdade social mostra de forma clara esses extremos, vemos crianças que desde bem pequenas já ingressam no mercado de trabalho para ajudar suas famílias, casos de prostituição, tráfico de drogas.

As mudanças sem precedentes tanto na frequência quanto na brutalidade dos crimes cometidos por crianças, bem como a resposta legislativa a isso, são sem dúvida atribuíveis a múltiplas causas, mas nenhuma é mais poderosa, penso eu, do que o fato de o nosso conceito de infância estar rapidamente escapando ao nosso controle. Nessas crianças vivem uma sociedade cujos contextos psicológicos e social não enfatizam as diferenças entre adulto e criança. Como o mundo adulto se abre de todas as maneiras possíveis para as crianças, elas inevitavelmente imitam a atividade criminal adulta. (POSTMAN, 1999, p. 150)

Os crimes entre crianças e adolescentes, tornaram-se tão comuns quanto os de maiores infratores, e de quem é a culpa de tudo isso? Da sociedade que desde muito cedo já induz a criança a uma vida adulta? Da família que muitas vezes acaba não dando a educação necessária? Da escola que fica responsável por passar os conteúdos das disciplinas e acaba não aguçando o conhecimento da moral social nos alunos? Impossível encontrar uma resposta convincente para esta questão.

A paparicação acabou sendo confundida com a adultização. Esse processo é decorrente do estilo de vida e das expectativas da vida adulta imposta às crianças. Segundo Rosa (2000), esse estilo de vida tem provocado transformações de comportamento, precocidade do desenvolvimento físico e hormonal, problemas de saúde como o estresse representando um retrocesso histórico:

[...] a versão high tech da infância, típica do nosso tempo, ameaça acabar com ela, pela destruição paulatina e constante das fronteiras entre o universo de interesses de adultos e crianças. A “adultização” da infância e o seu contraponto, a infantilização da vida adulta, têm

gerado uma indiferenciação perigosa entre estas duas etapas da vida do indivíduo. De modo que, estranhamente, o ser criança nos dias de hoje não deixa de se assemelhar, em muitos aspectos, ao período anterior. [...] A crescente ausência de discriminação, por parte dos adultos do que é próprio ou impróprio às crianças, representa um retorno a uma mentalidade tipicamente medieval, caracterizada pela ignorância, insensibilidade e o desrespeito para com elas (ROSA, 2000, p. 6).

O mini-adulto da idade média volta então com força total, mas dessa vez camuflados, quando vemos uma criança na rua, por exemplo, reparamos em suas vestimentas e percebemos que muitas vezes não se difere muito das roupas de um adulto, o que muda geralmente são as cores, mas vemos meninas que ainda não têm nem dez anos usando sandálias com saltos, bolsas, brincos, maquilagens, e suas mães satisfeitas por verem as filhas tão femininas, tão mini mulheres.

Hoje existem salões de beleza especializados no público infantil, alguns desses especializaram-se em serviços de buffet, a festa da garotinha que antes era com a decoração da princesa ou do ursinho de desenho infantil, agora é realizada dentro do salão de beleza, ela convida as amiguinhas e essas passam a tarde pintando as unhas, cuidando dos cabelos, fazendo maquilagens. As bexigas, brigadeiros e guloseimas já não são mais tão importantes, são até mesmo evitadas, já que hoje as garotas desde crianças já se preocupam com a estética, estarem magras e bonitas, o culto ao corpo.

O tempo lúdico da infância, antes dedicado às tradicionais brincadeiras de faz-de-conta, que marcavam a diferença entre o universo simbólico infantil e as preocupações da vida adulta, vem sendo cada vez mais substituído por obsessivas práticas de culto à estética, à erotização precoce e à fetichização dos objetos que denotam status econômico e social (ROSA, 2000, p. 6).

A mídia então tem o papel principal na ação de influenciar o pensamento infantil, e também do adulto, as estratégias de marketing usadas pelas empresas em busca de consumidores chegam ser apelativas, ainda mais quando direcionadas ao público infantil.

Como muitos outros artefatos sociais, a infância se tornou obsoleta ao mesmo tempo que foi percebida como um acessório permanente. Escolho 1950 porque naquele ano a televisão se instalara firmemente nos lares americanos, e é na televisão que registramos o advento simultâneo das revoluções elétrica e gráfica. É na televisão, portanto, que podemos ver com mais clareza como e porque a base

histórica de uma linha divisória entre a infância e a idade adulta vem sendo inequivocamente corroída. (POSTMAN, 1999, p.89).

A sensualidade e a sexualidade se apresentam precocemente, sabe-se que hoje os jovens estão começando a vida sexual cada vez mais cedo. Filmes e novelas apresentam cenas eróticas e de violência, todo enredo se envolve entre romance e eventualmente o sexo, beijos, “amassos”, lutas, sangue, mortes. Os pais, que deveriam ser os responsáveis por supervisionar o que suas crianças assistem não fazem isso, ou mesmo acham normal que os pequenos desde cedo já conheçam o mundo.

A televisão, em particular, não só mantém toda a população num estado de grande excitação sexual como também sublinha uma espécie de igualitarismo do desempenho sexual: de obscuro e profundo mistério adulto o sexo é transformado em produto disponível para todos- digamos, como um anti-séptico bucal ou desodorante para axilas. (POSTMAN, 1999, p. 151)

É necessário saber se essas crianças sentem-se ou estão preparadas para receberem esse tipo de informação. Sem ter a consciência e a certeza que a criança precisa dessa informação nesse exato momento, não esperam que as dúvidas surjam em suas mentes para que depois possam tentar auxiliá-la a construir esses pensamentos, com o desespero do mundo moderno lança-se essas informações de forma “já moldada”, de uma maneira que acaba formando um pensamento uniforme, o pensamento individual já não é mais valorizado, o saber sistematizado toma o seu lugar.

Contudo, as crianças acabam acomodando-se com as respostas prontas e rápidas, crescem querendo que todas as repostas estejam prontas e ao seu alcance, e na sociedade atual por mais que se pregue que isso sejam possível sabe-se muito bem que não é bem assim.

Além de tudo, a propaganda direcionada ao público infantil, consegue influenciar diretamente as crianças, transformando-as em consumidores precoce e, posteriormente em consumistas. A criança é vista pelo mercado como um “pequeno adulto”, alvo do consumo das indústrias alimentícias, de vestuário, brinquedos.

A adultização das crianças na televisão é seguida de perto no cinema como aponta Postman:

O exorcista, Menina Bonita, Lua de Papel, A Profecia, A Lagoa Azul, Little Darlings, Amor Sem Fim Um Pequeno Romance têm em comum uma concepção de criança não diferenciada dos adultos na orientação social, na linguagem e nos interesses. Um modo particularmente esclarecedor de ver a mudança ocorrida recentemente na imagética dos filmes infantis é comparar a série dos Little Rascals, da década de 1930, com o filme Bugsy Malone, Quando as Metralhadoras Cospem...Chantilly, de 1976, uma sátira em que as crianças desempenham papéis de personagens adultos de filmes de gangster. A maior parte do humor nos filmes dos Little Rascals decorria da simples incongruência das crianças imitarem o comportamento adulto. Embora Bugsy Malone use crianças como metáfora para adultos, há pouca sensação de incongruência em seu desempenho. Afinal, qual é o absurdo de uma criança de doze anos usar a linguagem “adulta”, vestir-se com roupas de adulto, demonstrar interesse adulto pelo sexo e cantar músicas de adulto? A questão é que os filmes Little Rascals eram, nitidamente, comédias. Bugsy Malone é quase um documentário. (POSTMAN, 1999, p.139)

A literatura infantil também acaba seguindo na mesma direção da mídia moderna, ela esta cada vez mais perdendo espaço para a chamada “literatura para adolescentes”, essa, quanto mais representar temas e linguagens de adulto, melhor será recebida pelos pequenos leitores, a imagem da criança tanto na TV quanto nos livros acaba tornando-se similar a do adulto.

Os desenhos animados que as crianças assistem hoje, não são mais Os Ursinhos Carinhos, As aventuras de Babar, O Fantástico Mundo de Bobby, Denis o Pimentinha desenhos infantis com conteúdo de aventura, hoje a programação infantil é composta por desenhos como Ben 10, Três Espiãs Demais, Dragon Ball Z, desenhos onde os personagens principais são crianças com “super poderes” que lutam contra os “maldosos”, ou como no caso de Três Espiãs Demais, as garotas passam o dia fazendo compras, passeando pelo shopping, vão ao salão de beleza, etc. Diante desse fato, as crianças como já é sabido, inspiram-se nesses personagens, e começam a imita-los, é bem comum quando encontramos um grupo de garotos entre cinco ou seis anos, que esses estejam brincando de “lutinha”, imitando o Ben 10 ou algum outro personagem desse nível. Tais atitudes reforçam a idéia de que a infância é um fenômeno cultural, onde o personagem da moda, o desenho da moda, será o exemplo a ser seguido.

Assim, começam a constituir seu perfil, baseados nesses exemplos que encontram na TV, ou nas histórias infantis, exemplos que hoje já não são os mais plausíveis, já que muitas delas não tem um exemplo de adulto dentro de casa, acabam espelhando-se nesses personagens (como por exemplo as crianças da

década de 90 se inspiravam em He Man, as de 80 na Xuxa, as de 70 no Super Homem, etc), aproveitando-se dessa situação, o mercado capitalista lança inúmeros produtos com esses personagens, de camisetas à cremes dental, e o sucesso que esses fazem entre o público infantil é impressionante, muitas vezes eles comprar um biscoito recheado, ou um refrigerante, não porque gostam do produto, mas porque na embalagem está o seu personagem favorito.

É em torno dessas questões que a televisão, o veículo de comunicação mais popular, assume um papel de fundamental importância, não somente no que se refere à relação adulto/criança, mas em praticamente todas as áreas da vida humana, na arte, na produção de conhecimento, nas ideologias, na política. Presente hoje em mais de 98% das residências brasileiras (muitas vezes com mais de um aparelho em cada casa) a TV tornou-se uma referência simbólica dos sujeitos contemporâneos.

Como acrescenta Bucci:

a televisão é muito mais do que um aglomeramento de produtos descartáveis destinados ao entretenimento de massa. No Brasil, ela consiste num sistema complexo que fornece o código pelo qual os brasileiros se reconhecem brasileiros. Ela domina o espaço público (ou a esfera pública) de tal forma, que, sem ela, ou sem a representação que ela propõe do país, torna-se quase impraticável a comunicação e quase impossível o entendimento nacional.[...] O espaço público, no Brasil, começa e termina nos limites postos pela televisão. [...] O que é invisível para as objetivas da TV não faz parte do espaço público brasileiro. O que não é iluminado pelo jorro multicolorido dos monitores ainda não foi integrado a ele. (BUCCI, 1997, p.9-11)

3. INFÂNCIA BRASILEIRA X DESIGUALDADE SOCIAL.

É de fundamental importância conhecer um pouco mais da história social da criança e da educação brasileira para conseguirmos entender as causas pelas quais ainda hoje o país enfrenta tantos obstáculos nos campos da educação e dos direitos infantis.

No Brasil, o cuidado com a infância aparece por volta do século XIX, intensificando-se nos séculos seguintes. Fontes (2005) Ressalta que a história da infância no Brasil se confunde com a história do preconceito, exploração e abandono, pois desde o início houve uma diferenciação entre as crianças dependendo de sua classe social. Para Pinheiro (2001), a história da criança e do adolescente no Brasil é marcada pela desigualdade, exclusão e dominação, da colonização à república, a desigualdade social assume, entre nós, múltiplas expressões, quer se refiram à distribuição de terra, de renda, do conhecimento, do saber e, mesmo, ao exercício da própria cidadania, afirma a pesquisadora.

Quando a discussão sobre a infância e seus impactos em cada ser humano acontece, antes nos posicionamos diante ao Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), no seu Título II, Capítulo I, Artigo 7º que nos diz: *“A criança e o adolescente têm direito a proteção, à vida e à saúde, mediante a efetivação de políticas sociais públicas que permitam o nascimento e o desenvolvimento sadio e harmonioso, em condições dignas de existência”*.

Como nos apresenta o ECA, toda criança tem o direito as mesmas oportunidades, de viver uma vida digna, onde ela se sinta reconhecida, e também aprenda que o seu papel como cidadão ou cidadã está garantido perante a lei, ou seja, ela terá as mesmas condições de ter direito à educação, a saúde, ao lazer, entre outras condições.

Isto posto, a realidade traz malefícios dos quais ela não estava esperando, afinal, desde muito cedo, as crianças que nascem em favelas são destinadas, assim como todos os moradores deste local, a serem acostumadas a viver em uma situação deplorável, marginalizadas, excluídas dos direitos básicos de qualquer ser humano. Viver nestas condições, de qualquer forma, altera a realidade de qualquer pessoa.

Muitas vezes, podemos até analisar que a infância, neste caso, é totalmente inexistente, imaginamos que uma criança não pode trabalhar desde muito cedo, sua refeição é rica em alimentos altamente nutritivos, que brinca e desenvolve seu lado lúdico e inocente de enxergar o mundo.

É importante que a criança tenha suas diretrizes, saiba qual caminho é mais seguro para seguir, veja que é possível confiar em alguém que lhe dirá o quanto ela faz parte e é importante para a construção e integração de uma sociedade. Essas características, muitas vezes, não fazem parte de uma pessoa marginalizada, que não tem as mesmas oportunidades na sociedade, como então ela passará esses conceitos para a criança com a qual convive?

Para tanto, se monta um labirinto para ser seguido, se para muitos a lei não faz jus para todos, a educação não é de qualidade, a saúde não é suficiente, a criança estará exposta a essas realidades, não importando sua classe social. Esses fatores irão influenciá-las, assim como a todos os seres humanos, mas desde cedo, na infância, ou ausência dela, que a sociedade desenha rumos e planos de vida para as crianças, que serão o “futuro do planeta”.

Segundo dados da UNICEF (2009), as crianças são especialmente vulneráveis às violações de direitos, à pobreza e à iniquidade no País. Por exemplo, 31% da população vive em famílias pobres, mas, entre as crianças, esse número chega a 50%. Das crianças de 7 a 14 anos, o Brasil ainda tem 660 mil nessa idade fora da escola, das quais 450 mil são negras. Nas regiões mais pobres, como o Norte e o Nordeste, somente 40% das crianças terminam a educação fundamental. Nas regiões mais desenvolvidas, como o Sul e o Sudeste, essa proporção é de 70%.

Em relação ao HIV/Aids, o Brasil encontra grandes desafios da prevenção, tratamento e cuidados para as crianças e adolescentes, a taxa de transmissão do vírus da mãe para o bebê caiu mais da metade entre 1993 e 2005, com algumas diferenças conforme a região do país. Dados existentes sugerem que 96% dos casos de violência física e além disso 64% dos casos de abuso sexual contra crianças de até 6 anos sejam cometidos por familiares. Fica então a dúvida em relação a instituição familiar, ela que deveria proteger, cuidar e instruir essas crianças acabam não cumprindo seu papel, violando os direitos morais e cometendo esses crimes.

Desde o final da década de 1970 o Brasil conseguiu a quase universalização da escolarização das crianças de sete anos. Mesmo assim, ainda se faz necessário

construir respostas adequadas para explicar o maciço fracasso da escola que, apesar de atender a quase totalidade das crianças, ainda não conseguiu oferecer a elas um espaço social onde adquiram conhecimentos culturais, artísticos e científicos, além de valores e habilidades, para viver de forma cidadã o século XXI .

4. INFÂNCIA, ESCOLA E FAMÍLIA.

É indispensável que a família esteja integrada ao processo de aprendizagem da criança assim como a escola esteja informada da sua dinâmica familiar. A criança só tem a ganhar quando desde o início da vida escolar existir uma parceria entre a família e a escola, pois quando os dois lados “falam a mesma língua” e têm os mesmos valores não existem conflitos e discordâncias na aprendizagem da criança.

Segundo Aranha (2002), a família é responsável por preparar o homem para agir dentro do meio social. Até os dias de hoje é ela que transmite, avalia e interpreta a cultura para a criança, assim como, proporciona a base para que os indivíduos possam desenvolver o aprendizado nas instituições educacionais. Neste sentido, Lakatos afirma: *“Tal constatação também é válida para sociedades em revolução: não é a escola que a inicia, mas é ela que tem a responsabilidade de consolidá-la, transmitindo aos alunos novos valores”*. (LAKATOS, 1999, p. 225)

Desde quando surgiu o sentimento moderno de família, por volta do século XVII, os pais começam a estabelecer novos propósitos e preocupações com todos os filhos, e não somente com o primogênito, mas também para com as meninas, passando a conscientizar-se da necessidade de prepará-los para a vida. Como Ariès relata:

a família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão de bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas (...) Ficou convencionalizado que essa preparação fosse assegurada pela escola. A aprendizagem tradicional foi substituída pela escola, uma escola transformada, instrumento de disciplina severa, protegida pela justiça e pela política. O extraordinário desenvolvimento da escola no século XVII foi uma consequência dessa preocupação nova dos pais com a educação das crianças. (ARIÈS, 1978, p 194-195).

Com a invenção ou a intensificação dos sentimentos em torno da infância, como aponta Kohan (2003), a educação passa a ser como de certa forma queria Platão, uma questão do Estado, não podendo deixá-la sobre responsabilidade da

família. A escola surge então, a partir do século XVII, sendo uma de suas principais funções foi separar e isolar a criança do mundo adulto, como aponta Ariès.

A escola, enquanto instituição responsável pela comunicação e transmissão de conhecimentos, competências, hábitos e valores, precisa refletir sobre as mudanças que necessitam ser feitas no seu interior, respeitando os tempos e espaços de seus profissionais e alunos.

O que encontramos hoje nas escolas são novos modelos de infância, ela se distinguindo conforme cada classe social. Tal fato nos faz lembrar as crianças da idade média, em instituições particulares encontramos uma homogeneidade maior, as crianças têm praticamente o mesmo nível financeiro, mas nas públicas conseguimos distinguir claramente as crianças mais favorecidas, pelas roupas, o material escolar, a mãe ou o pai que na maioria das vezes faz questão de participarem da vida escolar de seus filhos da melhor forma possível.

As escolas particulares são procuradas e freqüentadas por uma classe social de nível mais alto, os pais quando ali chegam procuram saber o que vai ser ensinado ao seu filho, por quais serviços ele estará pagando, e quanto maior for o número de atividades e matérias curriculares e extra-curriculares que esse colégio oferecer, melhor ele vai se apresentar diante da concorrência, e esses pais então acham justo o valor a ser pago. Uma das maiores preocupações de pais e colégios privados é fazer com que a criança tenha o melhor ensino, conseguindo no futuro ingressar nas melhores universidades, podendo assim, conseguir um bom emprego, e que esse seja muito bem remunerado.

E assim as crianças são preparadas desde os seis anos, sempre pensando no futuro. Quando ingressam no 1º ano do ensino fundamental, o objetivo principal das escolas privadas em relação aos alunos da Educação Infantil e início do Ensino Fundamental I, é que ao final do 1º ano o aluno esteja lendo e escrevendo, uma vez que os pais também anseiam por isso e avaliam o grau de desenvolvimento da crianças pelas palavras e frases que eles já conseguem ler e escrever.

O cumprimento do cronograma acelera professores e alunos que acabam ficando extremamente atarefados, as crianças têm tantas atividades que acabam ficando “para casa”, a questão é que quando essas crianças estão em casa já tem outras atividades, aulas de inglês, alemão, italiano, natação três dias por semana, “kumon”, sua agenda fica repleta, a cobrança para que todas essas atividades sejam realizadas, e bem realizadas, começa a aumentar tanto por parte da escola como

da família, essa criança está torna-se extremamente responsável, crítica consigo mesma. Bolas, brinquedos e jogos já não fazem tanta falta, afinal a criança já não se acha tão infantil, não se acha mais criança tendo tantas responsabilidades assim.

Como aponta Ghiraldelli Júnior (1996), a noção de infância na atualidade altera-se significativamente. A criança passou a ser um corpo que consome coisas de criança. Os gestos, comportamentos, posturas corporais e expressões passam a ser claramente determinados pela mídia.

[...] Ser criança é algo definido pela mídia, na medida em que se possui o corpo-que-consume-corpo, na medida em que se é um corpo-que-consume-corpo. A infância deixa de ser uma fase natural da vida humana e passa a ser um flash corporal autorizado pela mídia. Um flash que busca, nos segundos que dura – repetidos a cada comercial de TV recriar a criança como indivíduo, como ‘ser livre’, outrora apresentado pelo humanismo; e como ‘ser ativo’, outrora apresentado pela ‘sociedade do trabalho’ e de certo modo ainda pela ‘sociedade científico-tecnológica’. (GHIRALDELLI JR, 1996)

Nas escolas públicas, a cobrança por parte da instituição é menor, levando-se em consideração a realidade que a maioria dos alunos vivem. Em relação a família, a maioria procura a escola para a criança com outros objetivos, algumas para ter um lugar onde deixa-las, outras para que elas alimentem-se com a merenda oferecida pela escola, para que não fiquem na rua, e uma minoria procura um ensino para o filho para que ele aprenda algo e se prepare para a universidade, mas todos esperam da instituição de ensino que a criança consiga um futuro melhor, uma vida diferente da que os pais tiveram. Mas sempre se pensa no futuro, um futuro que demora a chegar, pois existe hoje uma sociedade insatisfeita que está sempre atrás de mais e mais, essa busca pelo futuro não para, não vive-se o hoje, só se espera o amanhã. KOHAN (2005), aponta:

Por um lado, educa-se para desenvolver certas disposições que se encontram em estado bruto, em potência, no sujeito a educar; por outro lado, educa-se para conformar, para dar forma, nesse sujeito, a um modelo prescritivo, que foi estabelecido previamente. A educação é entendida como tarefa moral, normativa, como o ajustar o que é a um dever ser. (KOHAN, 2005, p.57).

Nos discursos de toda sociedade, apresenta-se a infância e a educação como sendo a responsável pelo futuro promissor.

a infância tem a marca instaurada pelo poder: ela é o material de sonhos políticos; sobre a infância recai um discurso normativo, próprio de uma política que necessita da infância para afirmar a perspectiva de um futuro melhor. (KOHAN, 2003, p. 34).

Ele ainda destaca que a infância é uma pura possibilidade, e são por meio dessas que surgem então as mais variadas concepções de infância a partir do que se espera para essa criança no futuro. “Hoje, nossa sociedade depende e sabe que depende do sucesso de seu sistema educacional (ARIÈS, 1981, p.273-276).

Este adulto pronto, acabado, que vive em ‘prol’ deste ser que ainda não é, mas será, será produto de nossos anseios e desejos, de nossa vontade, daquilo que não fomos e nunca seremos, mas que no outro podemos ilusoriamente realizar. (LEITE, 2007, p. 155).

LEITE (2007) observa esse anseio que as famílias e sociedade de um modo geral têm, essa sede de ver as crianças transformarem-se em adultos brilhantes, cultos, trabalhadores, homens e mulheres que farão o possível para o famoso e tão cobiçado “mundo melhor” esteja cada vez mais próximo, esquecendo dessa forma de pensar a criança como um ser que é.

Pensar e viver com a criança como este ser que não é, mas será, não só permite um anulamento da criança em meio às atitudes do adulto, mas também capacita o adulto a criar modos e meios de dominação em relação a criança. (LEITE, 2007, p.175).

A importância dada à educação trouxe as crianças para o núcleo familiar e, com ela, dois pontos contraditórios passaram a fazer parte da sua formação: a ternura e a severidade. Sentimentos que podem ser traduzidos em forma de “paparicação” dos adultos pela criança, por considerá-la sensível, inocente, ingênua e graciosa, e em “moralização”, por considerá-la como ser incompleto e imperfeito, em formação e que precisa ser educado. Sentimentos que atualmente, trazem a dualidade anunciada por Pinto, em que:

uns valorizam aquilo que a criança já é e que a faz ser, de fato, uma criança; outros, pelo contrário, enfatizam o que lhe falta e o que ela poderá (ou deverá) vir a ser. Uns insistem na importância da iniciação ao mundo adulto; outros defendem a necessidade da proteção em face desse mundo. Uns encaram a criança como um agente dotado de competências e capacidades; outros realçam aquilo de que ela carece (PINTO, 1997, p. 33)

5. TRANSFORMAÇÕES, CONCEPÇÕES E UM OLHAR SOBRE A INFÂNCIA.

Modernidade e avanços tecnológicos.

a subjetividade é constituída social e historicamente, e deste modo, compreendemos que a noção de infância também o é. Neste contexto, entendemos que essa noção passa por um intenso processo de transformações em nossa cultura e que, ao mesmo tempo que ela não comportam mais as antigas concepções de infância, agregam-se nela muitas das noções presentes em toda história da sociedade ocidental. (LEITE, 2007, p.171).

Sabe-se que a socialização da criança sofre influências de diverso fatores, percebe-se que a preocupação com a formação social/pessoal da criança é um item que se julga de fundamental importância. Hoje a formação pessoal acaba sendo deixada para segundo plano nas escolas já que elas tem que cumprir um cronograma o qual a educação moral acaba não tendo espaço no seu currículo.

É de grande importância esse momento, de transformações tecnológicas e de aprimoramento do conhecimento científico não esquecer a dimensão humana na educação, como assinala Libâneo:

(...) diante da crise de princípios e valores, resultante da deificação do mercado e da tecnologia, do pragmatismo moral ou relativismo ético, é preciso que a escola contribua para uma nova postura ético-valorativa de recolocar os valores fundamentais como a justiça, a solidariedade, a honestidade (...) o respeito à vida e aos direitos humanos básicos, como suportes de convivência democrática. (LIBÂNEO, 2002, p. 8-9)

A formação da criança acabou tornando-se menos preocupada com o indivíduo e mais com a sociedade, educa-se o outro, a criança não por ela, para vida, mas para/pela sociedade na qual ela esta inserida. Esperamos que a criança molde-se, cresça conforme as vontades da sociedade, pelo que ela espera das crianças, não pela pessoa que é e queremos formar.

Esquecemos de pensar a criança/pessoa com um ser único, com necessidades, especialidades, carências específicas, se vive em torno de obedecer

uma sociedade, capitalista, que impõe regras e valores. Criamos assim, seres insatisfeitos, uma sociedade insatisfeita que busca sempre na próxima geração sua satisfação, uma satisfação utópica, pois sempre estarão em busca de mais e mais. Durkheim partilha essa utopia da modernidade de que:

as paixões são apetites desmedidas e imoderados, instintos insaciáveis e sem limites, esse monstro que habita o homem. Não há como acalma-las, satisfazendo-as, porque como o tonel das Danaides, suas exigências são inesgotáveis. É por isso que educar já não é a arte de cultivar as paixões de modo que, dosadas sejam auxiliares à disposição dos homens. Ao contrário, educar é declarar guerra, interminável e sem tréguas, contra as paixões. (NOVAES, 1987, p. 17-35)

Educa-se a criança segundo as referências que definem as normas e os valores atribuídos à infância, os valores impostos pela sociedade medieval simplesmente não reconheciam a criança, essas especialidades, atenção e carinho que os adultos de hoje tem para com as crianças não existia. Hoje educamos, ou mesmo moldamos, as crianças conforme a realidade social vivida no momento.

Percebe-se então que as revoluções tecnológicas e a modernidade acabaram interferindo na formação da criança, tanto na escola como em casa, cada dia mais percebemos suas influências. A tecnologia trouxe brinquedos modernos, internet, aparelhos eletrônicos de última geração, as crianças se inseriram rapidamente nesse processo de modernização, hoje aos 5 anos já possuem celulares de última geração, câmeras digitais, computadores Ipods, a classe média e a classe média alta foram as que mais se apoderaram de todos esses bens.

Não podemos esquecer que os avanços tecnológicos também trouxeram inúmeros benefícios como desenvolvimento de pesquisas na área de saúde, educação, facilidade de acesso às informações via internet, entre outras vantagens, mas também tornou as pessoas e precocemente as crianças, individuais demais, as brincadeiras de roda, o pega-pega, esconde-esconde, já não fazem mais parte das brincadeiras das crianças de hoje, agora elas estão inseridas em um mundo digital, seus amigos estão em salas de bate papo, e é assim que estão se formando os laços de amizade e relacionamento com o próximo, laços virtuais.

As crianças de menor renda não ficam longe desse mundo virtual, em bairros mais populares encontra-se inúmeras *Lan Houses*, estabelecimentos onde existem vários computadores ligados a rede de internet e se cobra pelo hora utilizada do

serviço, esses geralmente são procurados por crianças e adolescentes que não encontram nenhum tipo de restrição para o uso do serviço. A compra de aparelhos eletro-eletrônicos está se tornando facilitada por iniciativa do Governo Federal, que tem como objetivo fazer com que a população de menor renda também consiga adquirir os produtos e inserir-se no “mundo digital”.

Usados de forma consciente esses recursos tecnológicos realmente podem ser benéficos, como já citado anteriormente. Basta orientar, fazer com que as crianças desde pequenas aprendam que esses recursos devem ser utilizados, mas que os laços afetivos, a proximidade física não pode ser esquecidos, as crianças tem que aprender a lidar, conviver com o próximo.

Hoje percebemos como a convivência com o outro está se tornando complicada, a violência cresce a cada dia, falta tolerância, respeito. Agressão doméstica, agressão na escola, as pessoas não dialogam mais, simplesmente resolvem suas contraposições por meio de agressões tanto físicas quanto verbais.

6. SENDO ASSIM:

Considerações Finais.

O desenvolvimento humano não decorre da ação isolada de fatores genéticos que buscam condições para o seu amadurecimento nem de fatores ambientais que agem sobre o organismo, controlando seu comportamento. Decorre antes, das trocas recíprocas que se estabelecem durante toda a vida entre organismos vivos, o humano inscreve-se em uma linha de desenvolvimento condicionada tanto pelo equipamento biocomportamental da espécie quanto pela operação de mecanismos gerais de interação com o meio (OLIVEIRA, 2002, p 126).

As transformações que marcaram as relações sociais na modernidade foram oriundas não somente das mudanças provocadas pelo novo modelo econômico, mas também pela novas mentalidades desenvolvidas em relação às concepções de família e infância.

Pensando dessa forma, analisando os discursos e concepções sobre o que é infância, o que é ser criança, percebemos que eles estão em constantes transformações. O modelo de infância varia conforme a sociedade e a realidade na qual ela está inserida, no passado que as crianças brincavam na rua com os amigos, confeccionavam seus próprios brinquedos, estavam presentes em rodas de conversa junto às famílias. Hoje com todos os problemas e dificuldades que nossa sociedade vive, como a violência por exemplo, eles acabam não podendo mais brincar na rua, ficam em casa, os amigos estão em salas de bate papo.

O contato com o outro acontece na maioria das vezes somente na escola, pois os pais estão no trabalho, uma vez que a mulher hoje ocupa o mercado de trabalho de forma mais forte que há dez anos por exemplo, antigamente as crianças ficavam com as mães em casa, elas participavam da educação dos filhos, ajudavam na tarefa escolar, mas elas saíram para o mercado e as crianças acabaram perdendo esse ponto de apoio.

A correria da vida moderna, a necessidade de manter-se no mercado capitalista, fez com que muitos pais perdessem um pouco mais do tempo que tinha para ficar com os filhos para se dedicarem ainda mais ao trabalho, desejando dessa

forma dar tudo do bom e do melhor para a criança, como roupas boas, comida de qualidade, um bom colégio, lazer.

Nessa novo estilo de vida, até mesmo a família, que deveria ser o principal vínculo de convivência com a criança acabam ficando distante, permitindo que a criança exerça responsabilidades que seriam designadas a um adulto. Assim para a infância o lugar social é transformado, sai do lugar de inapta, incompleta, para o de consumidora, transformando sobremaneira sua forma de inserir-se no mundo.

Se a doença do olhar adulto nutriu-se desse mau levado a idealizar, e temer, uma fantástica criança-objeto, quem sabe possa estar nesse dom o advento de um olhar apto a reconhecer na diversidade a singularidade dos seus filhos. Quem sabe seja esse um caminho para nos despedirmos de alguns fantasmas que constituíram a modernidade. (FERNANDES, 2008)

A criança então acaba não tendo culpa de “perder” sua infância, ela simplesmente esta se moldando conforme as mudanças sociais na qual esta inserida, o amadurecimento precoce, a adultização, são fenômenos sociais da modernidade, a mesma que diferenciou a criança do adulto no século XVI e que hoje a deteriora, nas classes populares, utilizando-se do trabalho infantil, prostituição, tráfico de drogas como um possível meio de sobrevivência dessas crianças marginalizadas, e nas classes dominantes onde as crianças seguem a “moda” e vivem cheias de regalias. Em ambos os contextos elas acabam misturando-se em meio os adultos e no estilo de vida desses.

O crítico social Neil Postman, acredita até mesmo que a criança esteja “entrando em extinção”, que as crises sociais e a modernidade estejam fazendo com que a infância desapareça, como relata em seu livro:

As evidências do desaparecimento da infância vêm de várias maneiras e de diversas fontes. Há, por exemplo, a evidência fornecida pelos próprios meio de comunicação, pois eles não só promovem a desmontagem da infância valendo-se da forma e do contexto que lhes são peculiares mas também refletem esse declínio em seu conteúdo. Há evidências a ser observada na fusão do gosto e estilo de crianças e adultos assim com nas mutáveis perspectivas de instituições sociais importantes como o direito, as escolas e os esportes. E há evidências do tipo ‘pesado’- cifras sobre alcoolismo, uso de drogas, atividade sexual, criminalidade, etc- que implica uma declinante distinção entre a infância e a idade adulta. (1999, p. 134)

Dessa forma, entendemos que o discurso que temos hoje sobre a infância e a criança, é fruto de um momento social e de suas transformações. Ser criança na sociedade moderna certamente tem suas semelhanças e diferenças com o ser criança da sociedade medieval. Conforme a realidade cultural e social na qual essa sociedade está inserida, se formara a concepção de infância que ela carregara e discursará.

uma noção de infância só poderia dialogar com fatos, eventos e cenas que assistíamos, se ela trouxesse para o centro de nossa discussão a pluralidade, a diversidade, este mosaico que se apresenta para nós, da infância e da incompletude do humano. (LEITE, 2007, p. 172)

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARANHA, M. L. A. *Filosofia da Educação*. 2. ed. São Paulo: Moderna 1996.
- ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BUCCI, E. *Brasil em tempo de TV*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- CASTRO, L. R. *A infância e seus Destinos no Contemporâneo*. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.8, nº11, p. 47-85, jun. 2002.
- DEL PRIORE, M. *História das crianças no Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2000.
- ECA: Estatuto da Criança e do Adolescente.
- FERNANDES, H. *Infância e modernidade: doença do olhar*. Revista Plural, São Paulo, n.3, p. 60-81, 1996
- FONTES, R. *Criança*. Revista Presença Pedagógica, v.11, n.61, p. 03-05, jan./fev. 2005.
- GHIRALDELLI JUNIOR, P. (Org.). *Infância, escola e modernidade*. São Paulo: Cortez; Curitiba: Editora da Universidade Federal do Paraná, 1997.
- _____. *Infância, educação e neoliberalismo*. 2 ed. São Paulo: Cortez, 1996. (Coleção Questões da Nossa Época: v.61).
- GONDRA, J. *História, infância e escolarização*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2001.
- KOHAN, W. O. *Infância entre a Educação e Filosofia*. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2003.

- LAKATOS, E. M; MARCONI, M. A. *Sociologia Geral*. 7. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 1999.
- LEITE, C. D. P. *Labirinto: Infância, linguagem e escola*. Taubaté: Ed. Cabral, 2007
- LIBÂNEO, J. C. *Adeus professores, adeus professora? Novas exigências educacionais e profissão docente*. São Paulo: Cortez, 2002.
- MOYSÉS, M.A.A; LIMA, G.Z. *Desnutrição e fracasso escolar: uma relação tão simples?*. São Paulo: Ed. Ande, 1982.
- OLIVEIRA, Z. R. *Educação infantil: Fundamentos e Métodos*. São Paulo: Ed. Cortez, 2002.
- PEREIRA, R. M. R; SOUZA, S. J. *Infância, conhecimento e contemporaneidade*. In KRAMER, S. L. (org.) *Infância e Produção Cultural*. São Paulo: Ed. Papirus. 1998.
- POSTMAN, N. *O desaparecimento da infância*. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1999.
- PINTO, M. *A Infância como construção social*. In SARMENTO, Manuel Jacinto & PINTO, M. (coord.) *As crianças: contextos e identidades*. Braga, Portugal: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- PINHEIRO, Â. *A criança e o adolescente no cenário de redemocratização: representações sociais em disputa*. 2001. 438. f. Tese (Doutorado em Educação)- Programa de Pós- Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza.
- ROSA, S. S. *A globalização da infância*. Jornal da Tarde, 2.12.2000. Caderno de Sábado, p.60.

- SARMENTO, M. J. *As culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade*. In: SARMENTO, M.J. CERISARA, A. B. *Crianças e Miúdos*. Portugal: Asa, 2002.
- UNICEF: United Nations Children's Fund (Fundo das Nações Unidas para a Infância)

Orientanda: Jaciele Amália Pires

Orientador: Prof.º Dr. César Donizetti Pereira Leite